



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Nunca vimos uma praia tão cheia como neste verão. Dos lados das Pedrinhas até aos lados da Barra o areal estava enxameado de barracas e de pessoas. Em compensação nunca vimos tão poucos banhistas a passear na vila (centro) como este ano.

Tempos atrás não havia nem um décimo dos banhistas de hoje e no entanto a colónia balnear «enchia» Fão. Juntavam-se no rés-do-chão do Clube Fãozense para umas horas de cavaco e uns pés de dança. As ruas regorgitavam de pessoas, do seu barulho, das suas brincadeiras. Os fangueiros vibravam com os seus divertimentos.

JUSTO EQUILÍBRIO

Hoje os banhistas quase não se notam. Parece um paradoxo. A que se deve isto? Há quem procure razões e nós já encontramos algumas. Dizem-nos várias pessoas que muita gente vem nos seus automóveis, passa umas horas na praia, se possível lancha um almoço breve, e à tardinha abala para as suas casas. É uma razão plausível. Por outro lado a abertura da Conchinha, o outro restaurante ao lado, mais os restaurantes situados na Avenida António Veiga fixam muito as pessoas.

Não há dúvida que esta explicação tem muito peso. Na verdade a vida nocturna de Fão deslocou-se para os lados da praia. Depois pessoas atraem pessoas. Há muita gente que é noite vai passear para os lados do pinhal só para ver o ambiente.

Podem dizer-nos que Ofir também é Fão, que a praia é Fão, que os banhistas afinal permanecem em Fão, mas não nos lugares do costume. Os fangueiros gostariam mais de ver os seus banhistas no centro da vila. Diz o letreiro luminoso situado no Clube Fãozense: «Bem-vindos a Fão». cremos que o pensamento do autor do letreiro foi identificar Fão com a sua interioridade.

É aí que se fazem as compras, é aí que se conhecem as pessoas, é aí que se começa a amar a terra, os seus usos, os seus costumes. Em nosso entender os possidentes com casas nos «arredores» do centro que não fazem visitas ao mercado, nem às lojas, nem ajudam a terra, não interessam nem ao Menino Jesus.

Como modificar esta correlação de forças: centro/periferia? Isto passa pela necessidade de se abrirem mais centros de atracção na vila fangueira. Já existem pontos de encontro mais ou menos satisfatórios de entre os quais é lícito destacar a esplanada da Praça. Foi uma feliz iniciativa, a **good idea**, como diriam os ingleses. Também é verdade que a Cooperativa tem

(Continua na pág. 4)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

PROF. MÁRIO RAMIRO DIAS FERREIRA

Um dia destes, ainda em plena safra escolar, estivemos na Biblioteca Municipal do Porto, onde normalmente consultamos os jornais, todos os jornais que já se publicaram no concelho de Esposende. Eles ali se encontram bem arrumados e anunciados por um índice em que figuram os títulos, os nomes dos directores e os períodos de tempo que tiveram de vida. Basta abrir uma gaveta e aparecer-nos de imediato uma relação sinóptica de todos os jornais publicados.

Deu-nos, então, para procurar no ficheiro onomástico dos livros os nomes dos auto-

Esquissar aqui a sua biografia deu-nos ensejo para evocarmos igualmente várias gerações de estudantes que o precederam, e que nos permite avaliar também a capacidade económica das famílias fangueiras, sobretudo na primeira metade do nosso século. Estamos a referir somente àqueles que *seguiram estudos*. O primeiro académico que nos aparece, natural de Fão, é António Leite Ribeiro que foi professor do Real Colégio Militar, nascido em 1785. A seguir encontramos Eduardo de Jesus Teixeira, nascido em 1842, que foi médico e general.

Vêm, depois, Celestino Viana, Elias Cardoso Lopes, ambos formados em Direito, Manuel Cardoso (professor primário) e prof.^a Maria Mariz (Escola Normal Primária de Braga). Nasceram, cremos, em finais do século XIX.

Há, depois, subindo nos anos, uma geração de senhoras que frequentaram estudos secundários em épocas quase coincidentes (primeira década do século vinte): Zulmira Pinheiro Borda (Escola Primária Superior de Barcelos e Escola Normal Primária de Braga), Herondina Dias (Escola

Primária Superior de Barcelos e Escola Normal Primária de Braga - 1.º ano) e Cândida Borda e Cordelina Moledo (alguns anos do secundário).

Depois desta geração, vamos encontrar Carlos Barra Reis e Ernestino Costa (quinto ano do Secundário), Alceu Vinha dos Santos (curso de farmácia), Abel Vinha dos Santos e Elias Lopes Cardoso (ambos professores do ensino primário) e Joaquim Pinto de campos.

Outro grupo, dizem-nos que mais novo que o anterior, era constituído por: Jaime Vinha (Escola Oliveira Martins), Ernestino Sacramento (filho), Jaime Teixeira (Seminário de Braga), Neca Guedes (também seminarista). Desta época, ou um pouco mais novos, aparecem-nos Cândido Mendanha (Escola Agrícola de Santarém) e Aida Reis (Escola do Magistério Primário de Braga).

Descendo ainda nos anos, deparamos com alunos secundaristas que frequentaram já o Colégio Franco Lusitano, de Renée Vieira, tendo alguns passado por outros estabelecimentos de ensino: Paulino Campos, Arlindo Ferreira, Adelino Saraiva, Carlos Mariz e Maria Efigénia Evangelista. Posteriormente,

(Continua na pág. 4)



res fangueiros e, curiosamente, a nossa atenção incidiu primeiro sobre o P.e Jerónimo Chaves ou Chaves Coupon. Surpresa das surpresas: o seu nome não figurava lá. Teria havido omissão do autor, não enviando as suas obras para aquela instituição? Não sabemos responder. Avançámos para outros nomes e de imediato topámos com a ficha do Prof. Mário Ramiro Dias Ferreira com um acervo de obras que nos espantou. Após efectuarmos outras buscas, firmou-se em nós a convicção que o Prof. Mário Ramiro era a pessoa de Fão que mais livros tinha publicado. Vejamos os títulos: *Brincando Trabalho* (2 volumes), *Números e Numerais* (4 volumes), *Soma e Segue* (4 volumes), *Álbum I e Ciências da Natureza* (2 volumes), *Ciências Geográficas Naturais* (2 volumes), *Janela para o Futuro* (2 volumes), *Razes do Saber* (2 volumes), e *História de Portugal*.

São todos livros de natureza didáctica, mas nós não relevamos aqui a questão temática e, assim, afirmamos que este nosso conterrâneo é *um mais* e, por consequência é um perfilável, isto é, um indivíduo que reúne condições objectivas para figurar entre os perfis do nosso jornal.

TECIALGO

TINTURARIA E ACABAMENTOS TEXTTEIS

R. SENHORA CAMPANHÃ

4000 PORTO

TEL. 572829 - 567022 - 572574

TELEX 23392 — FAX 5100734

Somos possuidores da Melhor Técnica
de Serviço a nível Europeu

*Possuímos secções equipadas
com o que há de mais evoluído*

- TINTURARIA DE MALHAS E TECIDOS
- ACABAMENTOS RÁMULAS
- CALANDRAS
- MERCERIZAÇÃO DE MALHA
- COMPACTAÇÃO DE MALHAS
- CARDAÇÃO — MALHAS E TECIDOS
- LAMINAGEM — MALHAS E TECIDOS

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

Um carola da Cooperativa emprestou temporariamente a casa na Rua Conde Castro n.º 14, que a partir de 4-8-90 passou a ser a sede provisória da C. Cultural de Fão.

Foi inaugurada, com a presença de muitos sócios, no 1.º sábado do mês de Agosto, sendo oferecido um lanche a todos os convidados.

Houve discursos e boa disposição, e entre amigos e sócios trocaram-se impressões, aceitaram-se ideias e todos ficaram mais entusiasmados para que este projecto fosse para a frente.

O programa, embora modesto, tem-se firmado e a realização da Mostra do Livro e do Artesanato é uma prova bem evidente.

Não foi possível das forma a tudo que se tinha programado, mas as imensas dificuldades que surgem a todos os níveis são enormes.

No entanto fez-se alguma coisa.

Como já foi referido neste jornal, em Julho efectuou-se o Concurso de Pesca, que foi muito animado, e no mês de Agosto, houve o 2.º Concurso das Construções na Areia, com a participação de trinta crianças.

No júri tivemos o Arquitecto Rui Leal, o Eng. Adolfo Macedo e o Dr. Alexandre Rocha.

1.º prémio dos 6/7 anos — Nuno José.

1.º prémio dos 8/9 anos — Raquel Oliveira.

1.º prémio dos 10/12 anos — João Manuel R. Morais.

Distribuiu-se uma pequena lembrança para todos os concorrentes.

(Continua no próximo número)

LAR DA TERCEIRA IDADE

Os familiares de Maria da Graça Nogueira, de Braga, vêm por este meio agradecer penhoradamente ao Corpo Clínico do Hospital de Fão e demais pessoal todo o carinho e atenções prestadas ao seu familiar durante o tempo em que este esteve internado no Lar da Terceira Idade, anexo ao Hospital. Do porteiro à Administração todos foram excepcionais, o que confirma o conselho dado por um médico de Braga quanto ao local do internamento.

Fão pode orgulhar-se do magnífico Lar que possui.

Isabel Maria Nogueira da Silva Brito de Sousa
Carlos Alberto Brito de Sousa

FORMATURAS

Terminou o seu curso de Relações Internacionais a menina Cláudia Carla Mariz Pedras.

Concluiu a licenciatura em Biologia — Ra-

mos Educacional — na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e o correspondente Estágio Pedagógico na Escola Secundária Rodrigues de Freitas, Porto, a nossa conterrânea Maria Ferreira do Couto Pinto.

É com muito prazer que saudamos as novas doutoras com desejos de muitas felicidades.

VANDALISMO

Há uns dez dias atrás um grupo de jovens ateou fogo à cabine telefónica que se encontra no lago da Praça. Presume-se que alguém do mesmo grupo onde se encontrava uma rapariga subiu para o carro do nosso amigo Ernestino Didier, estacionado na Rua da Igreja e pôs-se aos pinchos em cima dele.

Foi apresentada queixa no posto da G.N.R. em Esposende. Estamos convictos que gente de Fão não foi com certeza.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

PROF. MÁRIO RAMIRO DIAS FERREIRA

(Continuado da pág. 1)

frequentaram a Escola do Magistério Primário de Braga Irene Cubelo e Judite campos. Estamos no fim da época de 30, primeiros anos de 40.

Contemporâneo do Colégio Franco-Lusitano foi o Colégio de Belinho, onde estudou Júlio da Forite.

Curioso que, numa mesma época, tenham funcionado dois estabelecimentos de ensino secundário. O concelho era pobre, com poucas famílias remediadas, e isso foi fatal para as duas escolas. Ambas fecharam por minguia de alunos.

Este quadro com os indivíduos fangueiros que andaram a estudar tem que ser contemplado com uma lista de seminaristas que existiram em Fão até ao tempo do Prof. Ramiro e que acabaram ou não o curso. O mais antigo de que há memória foi Fr. Paulo de Fão que nasceu no séc. XVIII.

A partir daqui e durante quase dois séculos não temos conhecimento de mais clérigos que tivessem nascido na terra fangueira. os que existiram não se salientaram de modo especial.

Aparece-nos a seguir o P.e Jerónimo Cheves e, depois, quase contemporâneos surgem o P.e Francisco Cubelo, P.e Avelino Borda, P.e Job Teixeira e o P.e Carlos Lima.

Temos, depois, o P.e Júlio Cubelo, o P.e Manuel Borda e os dois já citados seminaristas Jaime Teixeira e Neca Guedes. Sucederam ainda os P.es Manuel Martins Palmeira e Manuel Alberto Gonçalves da Silva. Este último fez parte do curso da 4.ª classe a que pertenceu Mário Ramiro e que gozou de certa fama dados os bons resultados conseguidos.

Eis os nomes de outros colegas do curso primário de Mário Ramiro: Carlos Mariz, Júlio Monteiro, Quenor Ribeiro, Juvenal Leal, Daniel Carlos, Valdemar Costa, Isaías Machado, Domingos Campos Monteiro, José Mazarefes, Alberto Simões, Agostinho Reis, Álvaro Monteiro e outros, ao todo 24.

Tão contente ficou a professora, a sempre lembrada D. Ida, com o comportamento destes alunos que, no final do curso, ofereceu a todos eles um opíparo almoço na sua casa de Gemeses.

O itinerário escolar do prof. Mário Ramiro foi um tanto acidentado. Após a escola primária em Fão, frequentou a escola Comercial Rocha Peixoto, na Póvoa de Varzim, tendo por discípulos Bernardino Amândio e Armindo Duarte, todos alojados na casa do Tio Paulino. De seguida foi para o Porto onde estudou na Escola Infante D. Henrique enquanto estagiava numa oficina especializada em máquinas da indústria conserveira. Esta propensão para as artes mecânicas adveio-lhe do contacto assíduo que em menino teve com os estaleiros navais de Fão, onde seu tio José Linhares era mestre.

Por determinação do pai, entretanto chegado da América, a quem repugnava ter um filho «ferreiro» (era assim que ele dizia) Mário Ramiro foi frequentar o colégio Franco-Lusitano e aí terminou o 1.º ciclo do Liceu.

Teve como companheiros de estudo Júlio Monteiro, Carlos Mariz, José Maria Gomes da Costa, Berta Monteiro, Rosete Monteiro, Manuel Marques, estes de Fão, e ainda Maria Albertina Vieira, Rosalina Vieira, Beatriz Costa Lima, Ermelinda Areias, Teresa Areias, Maria Emília Faria, António Cerquinho, João Barbosa, João de Freitas e António Almeida Gomes.

Volta a seguir para a Póvoa e aí concluiu o curso geral dos Liceus (6.º ano), no Colé-

gio de D. Nuno. Finalizado o 6.º ano, ingressa na Escola do Magistério Primário de Braga, terminando assim o curso de professor de Ensino Primário.

Depois, como docente, foi um percorrer de terras: Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, Barcelos, Matosinhos e, finalmente Porto. Aqui, acumula as funções docentes com as de colaborador pedagógico da Porto Editora, vindo a revelar-se um autor bem sucedido e prolixo, como já revelámos.

Já no Porto, frequentou, como voluntário, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra onde finalizou o curso de Ciências Pedagógicas.

Em Fão, pertenceu às Assembleias dos Bombeiros Voluntários e do Clube Fãozense e foi director do grupo dos Amigos de Fão.

Exerceu as funções de correspondente do jornal «O Cávado», vindo a responsabilizar-se pela «Págiana de Fão» deste semanário, que tanto sucesso obteve na época.

A propensão para o jornalismo já se havia manifestado quando frequentava o Magistério Primário de Braga, pois foi editor da Escola Remoçada, órgão oficial daquele estabelecimento de ensino.

Casou com uma colega, Aida Mariz, que colaborou em alguns dos seus livros, mas o seu namoro sempre nos deu volta à cabeça (éramos adolescentes mas pensávamos nisso): em vez de ser o Ramiro a vir às Pedreiras para gorgolejar com a sua bem amada, era a Aíndinha quem ia a Fão para estar com ele. isto anos a fio. Ainda hoje não percebemos o porquê dessa metátese amorosa.

Fangueiro de fim de semana, tem uma postura calma, nunca agressiva nem sequer impetuosa. No entanto, diz-nos dele uma sua contemporânea:

«Muitas vezes ainda crianças íamos para casa do Ramiro, onde hoje está o bar Roll's. Estava tudo bem, mas, de repente zangava-se e punha toda a gente fora da porta».

O facto de o trazermos hoje à ribalta deste jornal assenta na circunstância de ter sido o autor fangueiro com mais obras publicadas. Aliás não foram muitos. Lembremo-los: António Leite Ribeiro, Abel Vinha dos Santos, Manuel da Silva Lopes Cardoso, Querubin Evangelista, Albino Pedrosa Campos, Alberto Lopes e Ernestino Magalhães do Vale. Quem? O Tino Minada? Exactamente esse. *Biografia de Dois Amores* foi a sua obra. E bastante acarinhada na altura. Está esgotada.

ARMANDO SARAIVA

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

desencadeado iniciativas que por sua vez chamam pessoas o Clube Fãozense possui uma mini-esplanada, o Fojo é típico e na Lareira canta-se o fado.

Tudo isto não chega, porém, para «desviar o trânsito», como se constata. Os fangueiros, nomeadamente os empresários e a Junta têm que inventar muito mais. Ninguém se lembrou de abrir uma Gelataria só nos meses de verão. Era capaz de dar.

Nós somos uma vila sui generes com a sua peculiaridade e ruas estreitinhas, casas com estilo e uma margem esquerda que só por si é uma atracção. Não chega, como já vimos. Temos que inventar algo mais que suplante o que existe para lá da estrada n.º 13.

Suplantar não será o termo mais adequado. Preferimos a palavra equilibrar. Interessa que a parte nova de Fão se equilibre com a antiga.

FALECIMENTO

No Brasil onde se encontrava há 40 anos, faleceu Casimiro Fernandes Viana, marido de Beatriz de Brito Lacerda. Os nossos pésames.

CASAMENTO

No dia 4 de Agosto, no templo do Senhor Bom Jesus, realizou-se o casamento de Ana Paula Lacerda Brandão, com Carlos Manuel que é natural de Barcelos.

Aos noivos o nosso desejo de muitas felicidades.

COMEMORAÇÕES DO DIA DE ESPOSENDE

No dia 19 de Agosto, no Salão Paroquial de Esposende, realizou-se um Recital de Piano e Clarinete, organizado pela Câmara Municipal que teve a colaboração da Paróquia de Esposende.

Actuaram os artistas Maria José Morais (piano) e Vladimir Stoyanof (clarinete).



PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Depois das férias, que sabem sempre a pouco, um novo ano escolar está à porta. Vai ser mais um ano de trabalho, de esforço, por vezes até de sacrifício. Mas a vossa força de vontade vai superar todos os obstáculos e, no fim, tereis a consoladora recompensa de mais um passo em frente dado na vossa vida estudantil. Bom trabalho e muitos êxitos!

HISTÓRIA INACABADA

Por HELENA BANCO

(CONCLUSÃO)

Até seria a maneira de falar um bocado do Manel e quem melhor que a mãe dele para a compreender, para entender as suas saudades, para escutar os seus sonhos, que eram os sonhos do seu próprio filho, do seu Manel?

Tempos bem tristes, porém, se avizinhavam.

E a notícia da morte do Manel, comunicada em seco telegrama informando que, «ao serviço da Pátria» e de «forma gloriosa» havia morrido em combate o soldado Manuel Pereira dos Santos, caiu como um raio no coração daquelas gentes.

Não podiam crer, não podia ser verdade. O Manel, o seu Manel, não podia estar morto, diziam aquelas três almas com os corações despedaçados.

A confirmação, porém, breve chegou. Nem podia haver engano, aliás. Uma carta, do Vitorino d'Azenha, um conterrâneo e companheiro de guerra do Manel, esclarecia tudo. Contava como vítimas de uma emboscada, em plena mata, alguns companheiros haviam perdido a vida, entre eles o seu amigo Manel da Eira.

Mais forte que a sua doença incurável, este golpe foi mortal para a pobre da Ti Rosa, que breve se finou sem nunca ter percebido o porquê da morte do seu filho mais querido.

Assim sozinho, sem a mulher e os filhos, embora o Zé regularmente lhe enviasse remessas de dinheiro — poupanças que ia para si e para os seus —, também o sr. João se viu de repente desampa-

rado e incapaz de fazer as terras que lhe serviram de berço e onde se havia feito homem. Valcu-lhe, na circunstância o sr. Doutor, o seu senhorio, que lhe dispensou uma casita que ficava numa das pontas da quinta, perto da Igreja e da casa da Ana. Manteve algumas das ovelhas de que sempre gostou e umas leiritas onde se entretinha. E não raras vezes o encontravam olhando os campos que ainda há pouco «eram seus», julgando ver o seu forte e sadio filho lavrando ou semeando os mesmos. E um sorriso, por momentos, aflorava ao rosto tisonado pelo sol e pelo trabalho, do velho João. Rápido, porém, se dava conta do seu erro e a verdade crua vinha ao de cima. Uma lágrima teimosa, rolava então por entre a barba hirsuta daquele homem habituado a suportar as agruras e asperezas da vida sem nunca dar mostras de fraqueza. Cabisbaixo e com o pensamento sabe Deus onde, regressava devagar à sua casa onde, por entre aberturas no colmo — pois que as telhas eram raras por aquelas bandas — se via um fio de fumo, sinal de que alguém lhe preparava qualquer coisa p'ra mastigar. Era Ana, a namorada do seu Manel que, fiel ao homem e aos sonhos que ambos haviam «vivido», todos os dias ali vinha olhar por aquele homem a quem queria como a um pai.

Ele bem protestou, a princípio. Que não era justo. Fizera-lhe notar a sua juventude. Fizera-lhe ver que era uma cachopa cheia de saúde e qualidades, boa rapariga, a quem não faltavam peretendentes, bons partidos, por acaso!

Ela porém, a tudo se manteve insensível, fazendo ouvidos de mercador. E desculpando-se com a necessidade de «tratar» do seu velho pai, ela escondia a verdadeira razão da sua teimosia, em se man-

ter solteira — a lembrança do Manel, do seu Manel, cuja morte nunca compreendera nem aceitara. E vivia recordando cada palavra do seu Manel e vivia recordando os sonhos que ambos tinham contado um ao outro e via o «sítio» onde haveriam de construir a sua casinha e imaginava o seu Manel numa oficina de automóveis — e o Zé até cumprira o prometido, pois cedo começou a mandar dinheiro para os ajudar no negócio — e vivia recordando tudo o que sonharam a dois e que nunca viria a ter. E as lágrimas corriam então naquele rosto de mulher, um rosto amargurado pois que cedo conheceu o ruir de um futuro que sem o seu Manel ficou sem sentido.

Sonhos desfeitos os seus, HISTÓRIA INACABADA a daquele jovem que, em plena força da vida, dela foi levado por razões que a ANA nunca chegou a compreender e que, cada vez mais a encheram de revolta contra a injustiça que provoca a guerra, contra a guerra que traz a morte e contra os homens que provocam a injustiça.

PAUSA PARA SORRIR

Num restaurante de uma pequena cidade, entre outros comensais, almoçavam diariamente: um senhor de meia idade, apurcado, discreto, muito educado, e um outro, um pouco mais novo, que gostava muito de dar nas vistas, falando muito alto, fazendo críticas a tudo e a todos, sempre disposto a censurar mesmo o que não merecia censura.

Um dia, quando o empregado do restaurante lhe apresentou a lista dos pratos do dia, ao ver que um deles era constituído por miolos, logo aproveitou para uma das suas troças de mau gosto:

— Eh, rapaz! Que disparate é este? Mioslos? Mioslos já eu tenhol Esta agora!

O senhor educado e calmo indignado pela maneira como o «engraçadinho» se dirigia ao empregado, homem já de certa idade, pela primeira vez levantou a voz e chamou-o:

«Senhor José, pode fazer o favor de vir aqui, logo que atenda esse cavalheiro!

O empregado veio. Então, em voz bem alta, para poder ser ovido em toda a sala, o senhor perguntou:

— Diga-me, por favor, senhor José: de que são os miolos?

— São de porco, senhor — retorquiu o criado.

— Ah! Então traga-me, faz favor, uma dose, porque eu *desses*, não tenhol...

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus 

(Continuado do n.º anterior)



(Continua)

DESPORTO



FUTEBOL (Jogo amistoso)

Apresentação da equipa do Clube de Futebol de Fão aos seus associados, para a época 90/91.

FÃO, 1 — MARINHAS, 0

Fão alinhou com; Carlos; Agra, Eurico, Pedro, Sampaio, Quim, Flávio, Zezinho, Didi, Jaime, Milhazes. Jogaram ainda: Rogério, Alberto, J. Costa e Rocha (treinador-jogador e autor do golo).

★

São duas equipas que se vão defrontar no próximo campeonato e, como vizinhas que são, a rivalidade vem ao de cima, pois ninguém gosta de perder, mesmo que seja a feições. Por isso o jogo foi muito tático, e pouco se pôde ver dos novos jogadores que vieram da Póvoa para reforçar a equipa. Em relação à rapaziada de Barcelos que ficou, confirmaram o valor que demonstraram na época passada. Como o treinador é o mesmo, conhecedor da maioria dos jogadores, pensamos que o Clube de Futebol de Fão, fará um bom campeonato na 1.ª Divisão Regional.

Foi com bastante agrado que vimos integrados na equipa os fangueiros: Zezinho, Quim (ex-Forjães) e Didi (ex-S. Paio d'Antas) os quais juntamente com Rogério, formam o grupo de jovens da terra que actuam na equipa. E nos tempos que correm, já não é nada mau.

TORNEIO DE FUTEBOL DE 5

Por iniciativa e organização dos jovens Agostinho Araújo, Carlos Cândido Silva e António Portela Soares, a Direcção está a realizar no campo de futebol, um torneio desta modalidade que por ser inédito na terra tem levado muita gente a assistir aos respectivos jogos. As 8 equipas que muito simpaticamente

decidiram participar contribuíram monetariamente através da sua inscrição, com uma verba muito boa para os cofres do Clube. Parabéns a todos por esta ajuda. No próximo número daremos a classificação das equipas e mais pormenores sobre o acontecimento.

Eis as equipas inscritas: Escolas Serpa Pinto, Bombeiros de Fão, Auto Chapinhas, Café Justino, Moisés Banheiro, Aníbal Cabeleireiro, Confecções Julieta Dias e Sector 1 (de Barcelos).

LAPSO

Por lapso, informamos neste jornal que o Águias de Serpa Pinto tinha uma sede própria. Infelizmente ainda não chegaram a esse luzo. Apenas nas comemorações do XV aniversário lhes foi cedido um local para ele exporem todo o seu património e receberem os convidados.

CANOAGEM

Disputou-se o Campeonato Nacional de Velocidade em Melres, onde a participação do Clube Náutico de Fão foi mais uma vez positiva com muitos títulos nacionais conquistados nos vários escalões.

Estão de parabéns os atletas e seus dirigentes que tudo fazem para que esta colectividade continue a prestigiar desportivamente a nossa terra.

BELMIRO PENETRA CAMPEÃO EUROPEU DE JUNIORES EM K2

A confirmar o prestígio do Clube Náutico de Fão, mais uma vez o atleta Belmiro Penetra representou a Selecção Nacional no Campeonato Europeu de Juniores, em Inglaterra, e no Campeonato do Mundo na Polónia, onde participou como sénior. Também, no Europeu em Inglaterra, esteve presente outro junior do Clube Náutico de Fão, Luís Sousa.

Depois de tudo isto, parece que a boa notícia chegou: o Clube Náutico de Fão vai ter finalmente uma sede.

O prestígio já alcançado pela modalidade merece mais que uma garagem à beira rio, gentilmente cedida pelo Domingos da Assunção.

TÍTULOS E RESULTADOS MAIS RELEVANTES

Infantis — K4M 5000 m — Miguel Pedras (1.º), Alberto Ferreira, Hugo Moreira e Artur Hipólito. **J4M 500 m —** Miguel Pedras (2.º), Alberto Ferreira, Hugo Moreira e Artur Hipólito. **K2M 500 m —** Miguel Pedras (3.º) e Artur Hipólito.

Cadetes — K2F 500 m — Lúcia Lagoela (5.º) e Mónica Oliveira. **C2M 500 m —** Tozé (2.º) e Francisco Costa. **C2M 5000 m —** Tozé (2.º) e Francisco Costa.

Juniores — K1M 1000 m — Belmiro Penetra (1.º). **K1M 1000 m —** Luís Sousa (3.º). **K1M 500 m —** Belmiro Penetra (2.º). **K2M 5000 m —** Belmiro Penetra (1.º) e Luís Sousa. **K2M 1000 m —** Belmiro Penetra (1.º) e

Luís Sousa. **K2M 500 m —** Luís Sousa (2.º) e Luís Faria. **K2M 500 m —** Luís Faria (4.º), António Roxo, Juvenal e João Assunção. **K1M 1000 m —** Luís Faria (3.º), António Roxo, Juvenal e João Assunção. **K4M 5000 m —** Luís Faria (2.º), António Roxo, Juvenal e João Assunção. **C1M 500 m —** Carlos Silva (1.º).

Juniores — K1M 500 m — Lázaro Penetra (4.º). **K1M 1000 m —** Lázaro Penetra (5.º). **C1M 5000 m —** Carlos Vieira (2.º). **C1M 500 m —** Emílio Araújo (3.º). **C1M 1000 m —** Carlos Vieira (2.º). **C1M 1000 m —** Emílio Araújo (3.º). **C2M 500 m —** Carlos Vieira (1.º) e Emílio Araújo. **C2M 1000 m —** Carlos Vieira (1.º) e Emílio Araújo.

COMISSÃO DE FESTAS DO SENHOR BOM JESUS DE FÃO

A Comissão de Festas da Vila de Fão em Honra do Senhor Bom Jesus que este ano levou a efeito, para além das habituais festas de Fão, a Festa da Santa Cruz em 6 de Maio último, não quer terminar o seu mandato sem um agradecimento extensivo a todos quantos a ajudaram e proporcionaram o brilhantismo que as festividades assumiram. Quer a Comissão agradecer muito especialmente às entidades oficiais, aos emigrantes, aos amigos da nossa Terra e maxime a todos os fangueiros que de alguma forma contribuíram para a realização das duas festividades referidas.

A Comissão a todos, muito reconhecida, agradece com os melhores cumprimentos e um abraço de até breve.

Pel' A Comissão de Festas 1988/1989/1990
Oscar Hernâni Gomes Viana

AGRADECIMENTO

Cândido Casanova vem por este meio agradecer ao Sr. dr. Higinio Fonseca, médico Otorrinolaringologista, do Hospital de Braga e demais pessoal enfermeiro e auxiliar daquele sector a maneira como foi tratado enquanto permaneceu no Hospital de S. Marcos em Braga.

DE VISITA

- Vinda do Brasil encontra-se entre nós a nossa prezada assinante Mara Emília Viana Espogei-ro (Miloca) que esteve ausente de Fão 31 anos. Veio acompanhada de seu marido, João Espogei-ro e de sua filha Adelina Beatriz Viana Espogei-ro.

- Procedente do Canadá passou uma semana em Fão o nosso amigo Boaventura Peixoto (o Turinha). Grande amigo deste jornal, o que mais nos pediu foi que nunca deixássemos de o publicar. Só a doença ou a morte, Tura.

- Também se encontrou em Fão, vindo da Bélgica, o nosso amigo Emídio Peixoto que se fazia acompanhar de sua Esposa e do seu inevitável cãozinho. Parece que também ele o referido animal, já não dispensa umas feriazinhas em Fão. Pa-decem do síndrome de fangueirite.

- De França, onde trabalham, passaram as suas férias em Fão os nossos caros conterrâneos: Domingos de Araújo Ferreira (Eusébio), Irmand Mateo, José Graça, Amândio Ferreira, Carlos Artur Ferreira Graça, Joaquim Magalhães, Domingos Morais da Silva, Manuel Sousa, Júlio Maciel de Oliveira, João Ribeiro (da Sulça) José Morim Faria, Manuel Elias Ferreira Graça, Orlando Ferreira Graça, Manuel Faria Graça e Delfim da Costa Ferreira.

A BRASILEIRA PORTO



FARPAS DE ESCÂRNIO E BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

— O Verão acabou sem ter começado. O Agosto foi um produto impróprio para consumo. Muito nevoeiro, sobretudo na última quinzena e um trânsito caótico, todos os dias, ao fim da tarde, sobretudo. Verificou-se, este ano, uma concentração de veraneantes-bibernantes em Agosto. O Junho e Julho quase passaram despercebidos na praia e nos serviços de restauração. Melhorou a limpeza da Avenida de acesso e a praia também se apresentou mais limpa e melhor organizada; de salientar a sinalização em várias línguas que faltava, demarcando a zona de banho e guardasóis. Nos últimos dias de Agosto, foi colocado um chuveiro-publicitário em frente ao acesso principal. Para publicitar, o local é ótimo; para oferecer espectáculo «de borla» não há melhor local; mas para lavar «os bronzes» o sítio não poderia ter sido pior. Opiniões...

Valeu a pena a presença da G.N.R. a patrulhar o pinhal porque os roubos e os motoqueiros diminuíram.

Balanço francamente positivo no aumento de esplanadas e na sua apresentação. Todas tinham animação, sobretudo nas noites calmosas. O coração de Fão já esteve mais animado. A morte lenta anunciada parece ultrapassada.

O barraco inestético ou «coutada» como lhe chamaram em panfleto anónimo, foi demolido. Ainda bem e a contento de todos: do inquilino-dono e do Turismo. Agora, para melhorar a zona, deveriam proibir de modo sistemático o avanço de viaturas para norte de uma linha entre a rampa de acesso e o cais das «Galvotas». Não só os maçaricos não nidificam como espantam outras «aves». Poderia mesmo fazer-se nessa zona uma plantação de vimes ou «xorões», árvores que se adaptam facilmente a sítios húmidos.

Não é de proibir o acesso até aos sócios dos dois clubes: o dos «tra-picos» e o dos «espreitas». Já são uma legenda e com muitos «associados».

— A guerra das placas instalou-se para durar. A Junta de Autónoma das Estradas colocou novas sinalizações, informando o nome das localidades. Ou porque a terra encolheu ou porque cresceu uns metros o que é certo e se pôde observar é que nenhuma placa escapou à «borradela» nocturna. Desde Apúlia a Belinho e na margem da Estrada Nacional, são poucas as que ainda informam. A maioria está pincelada a negro. Que papel teve a Junta de Freguesia ou a Câmara para demarcar os limites?

— Os mordomos-festeiros da Senhora da Bonança estão em mar agitado. Fizeram «greve» à festa que não houve. O povo de Fão é (foi) muito devoto da Senhora da Bonança e da Boa Nova.

Cartão que viesse do Brasil ou de África (noutros tempos) tinha logo, como compensação, um terço junto à Capela. Emigrante, que partia, não se esquecia de gravar o nome na porta ou na parede da Capela. Siglas e ex-votos ou quadros votivos testemunhavam a devoção de outrora por aquelas Medlaneiras.

Ao que parece, o aluguer do andor foi o rastilho para a greve. Os devotos emigrantes não mereciam este «boicote». Naquele dia, associava-se o religioso — pedir protecção — a um piquenique bem regado que este ano faltou na agenda fangueira.

— Um milhão e quinhentos mil contos! Mais uns milhares para investimentos em hotéis, tendo somado e acrescentando o empréstimo a realizar, tudo somará cerca de dois milhões de contos a investir no Concelho de Esposende. Ah grande Autarquia! Agora é que vai ser de pagar as promessas... eleitorais! Nada ficará por cumprir. Eu perdi o livro das promessas mas se bem me lembro... para Fão, para a nossa Terra, coração do Turismo concelbo, com o maior número de camas, com um parque de campismo oficial e alguns «candongas»; com boas esplanadas e uma vida nocturna a causar inveja; para Fão e com a ajuda da autarquia fangueira que bem tem trabalhado na «limpeza» é preciso que ela, a autarquia, também «limpe» muitos milhares de contos para investir no desenvolvimento local quer directamente no Turismo, quer em infraestruturas que tornem a vida mais fácil aos naturais. Ou será que os nativos só pagam durante doze meses a factura de dois meses onde tudo... tudo sobe?

Desta vez, vamos «mudar» a face da área da «paisagem protegida», protegendo-a mesmo das agressões que sofre diariamente.

A margem esquerda Junqueira/Estaleiro terá de sofrer um grande e cuidadoso arranjo.

A Avenida beira-rio (já tem nome?) não pode continuar entulhada até ao Caldeirão, como vai acontecendo.

E como não podemos viver só dois meses por ano, é preciso apoiar outras entidades fangueiras ao serviço da comunidade. Bombeiros e Misericórdia não podem, não devem ser esquecidas, só pelo facto de estarem a laborar muito bem. São as mentinas dos «nossos olhos» que, reconhecemos, causam inveja pela sua grandiosidade, pelos investimentos feitos, pela aposta sempre aberta aos necessitados. Mas haverá alguém que tenha a coragem de travar o desenvolvimento das nossas instituições? Que maior galeria de benfeitores e carolas há que não tenha o seu nome gravado às instituições, com ou sem retrato?

Que o «pão», vulgar nome do metal sonante, seja repartido equitativamente; que se olbe para todos como filhos — o tempo dos enteados já lá vai —; que Fão e as suas instituições vejam nos seus Presidentes e nos Presidentes Autárquicos acérrimos defensores na distribuição de verbas.

Que o «Quim de Fão» sinta dificuldade em arranjar «textos» são as nossas «preces».

— Quando há fogo na casa do vizinho, guarde Deus a nossa casa...

Há dias, ouvi nos noticiários T.V. que, muito próximo dos limites do nosso concelbo, uma grande indústria ia nascer, empregando mais de mil aperários especializados. Vamos lá tentar que o vizinho apague ou ajude a apagar o fogo do desemprego. Ou será que a nossa Câmara Municipal funciona como o «fim do desemprego»? «Fundo do Desemprego» já estava no Dicionário dos Sazonais; mas vamos mesmo tentar conquistar um lugar entre os mil e tal que tão perto ficam do nosso concelbo, talvez com o apoio das autarquias.

— Também foi notícia de todos os mass-media a «comidinha» que apareceu ao largo, no mar de Esposende. O «chocolate» valia quase um milhão de contos! Estes nossos pescadores mereciam uma estátua como autênticos «Descobridores» de Xixa. Arroçados, não tiveram medo dos tubarões, e, como peixe miúdo, lá foram participar. Pobres mas honrados! Quem os vai proteger ou premiar? Não andam só e frequentemente nas águas de «chocolate»? O bicheiro não chega... e qualquer dia a notícia: «Tubarões afundam penedos... ou cavalos de Fão».

— O último texto trazia muitas gralhas. Onde se lia «desgostou» deveria ler-se «não desgostou». Esta foi mesmo de «dar a volta ao texto». Paciência.

— Badala-se muito que eu não «digo mal». Nunca disse. Posso dizer o que «está mal», no meu ponto de vista, que não é a mesma coisa, ou dar o meu «modesto» parecer, para prazer de muitos e tristeza de alguns.

Houve muitas sugestões, algumas queixas e até um pouco mais, nos contactos que fui vendo com amigos e conhecidos ao largo deste mês de férias. Pedi colaboração a todos, escrevendo. O jornal tem a porta aberta, no «Quim de Fão», a todas as tendências, desde que não seja para magoar intimidade ou personalidade de cada fangueiro. Ah, não. Mas a coisa «está preta». Com tanta «comidinha»...!!!

FALTA DE ESPAÇO

Recebemos do Sr. Joaquim Neves uma carta que publicaremos no próximo número.

CANTO FLORIDO

A MAGIA NATURAL!

O uso de produtos naturais extraídos de plantas percorrem várias culturas antigas. Para os Egípcios, o embelezamento era próprio para rituais religiosos e para situações cerimoniais. Para os Gregos, a cosmética tinha carácter pessoal, conscientes já do encanto e frescura que garantiam os produtos através das plantas (quase como hoje). Para os Romanos, os cuidados com o corpo era já assunto de interesse. Havia já literatura sobre a utilidade do cosmético, com conselhos de modificações da cor do cabelo, como evitar o aparecimento de rugas, etc.

Estas receitas foram sagradamente recolhidas e passadas de mães para filhas ao longo de muitas gerações.

No séc. XIX esta indústria de cosmética destacou-se nos Estados Unidos. Sabemos, contudo, que os produtos de beleza comerciais, perfumes e pinturas artificiais além de caros, provocam alergias pelos seus conservantes químicos.

As demonstrações de propriedades terapêuticas das plantas provocou um maior procura de produtos naturais, com controlo de qualidade.

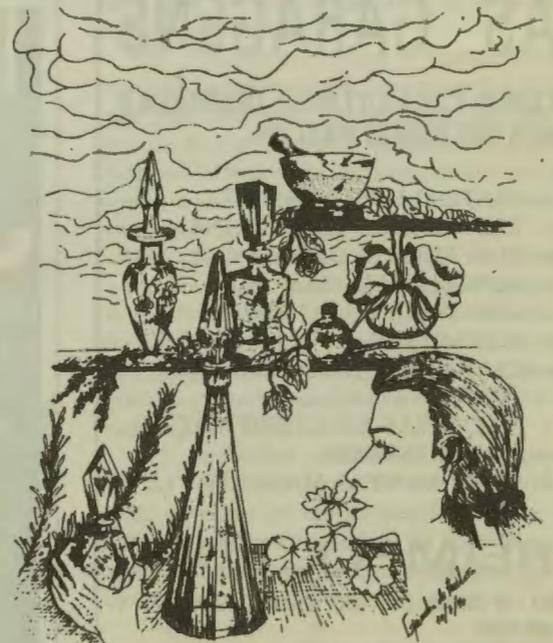
As preparações feitas dos cosméticos, após um diagnóstico das necessidades de cada um de nós, garantem uma precisão, controlo e até validade duma imagem «naturalmente» bela.

É preciso saber os cuidados a ter com a pele, com os pés, com os cabelos, dentes, olhos, etc.

Não se esqueça da magia do olhar, do sorriso... dos gestos naturais.

A mulher é a verdadeira estrela do Universo e deve ser tratada e tratar-se como tal... naturalmente.

VALENTINA BARBOSA
Ilustrações de JAIME GUIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

AVISO

LICENCIAMENTO DE OBRAS PARTICULARES

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, Industrial e Presidente da Câmara Municipal de Esposende: TORNA PÚBLICO que, por força do dec.-Lei n.º 100/88, publicado em 23 de Março, o exercício de actividade de construção civil depende de autorização, titulada por alvará de industrial de construção civil.

Assim e nos termos daquele diploma, cuja disposição aplicável entrou em vigor no passado dia 1 do corrente, encontram-se abrangidas por essa norma as seguintes obras, seja qual for o seu valor:

- Construção geral de edifícios particulares;
- Obras de demolição, incluindo demolições, arruamentos e redes de água e esgotos;
- Fundações especiais de edifícios;
- Estruturas de betão armado;
- Estruturas de betão pré-esforçado;
- Estruturas metálicas.

Relativamente a outro tipo de obras e enquanto não for estabelecido em Portaria o seu limite, não será exigida qualquer autorização.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Município de Esposende, 6 de Agosto de 1990.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

★

AVISO

OBRAS CLANDESTINAS

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, industrial e Presidente da Câmara Municipal de Esposende:

TORNA PÚBLICO que, a Câmara Municipal, no uso das suas competências, procederá a intensa e rigorosa fiscalização às obras de construção cujo licenciamento deve ser requerido nos termos da lei.

Chama-se a atenção para a obrigatoriedade do

cumprimento das normas e da legislação em vigor, que deverão ser integralmente cumpridas antes de se iniciarem as obras pretendidas, facto que a acontecer, para além de acarretar o agravamento das respectivas taxas poderá implicar outros graves inconvenientes.

Mais se torna público que a Câmara Municipal procurará, na medida das suas possibilidades, encurtar os prazos que legalmente lhe são cometidos para apreciação dos pedidos, adoptando as medidas que achar mais convenientes para o efeito, não contemporizando, futuramente, com quaisquer irregularidades e/ou ilegalidades neste domínio, que a verificarem-se, desencadearão imediata e enérgica reacção deste Município, com todas as consequências legais daí advenientes.

Para constar e ninguém poder alegar desconhecimento, se publica o presente edital e outros de igual teor nos lugares públicos do costume.

Paços do Município de Esposende, 6 de Agosto de 1990.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PREDIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE. N.º DE MATRÍCULA 00048. N.º DE IDENTIFICAÇÃO DE PESSOA COLECTIVA 501462791. N.º DE INSCRIÇÃO 004. N.º E DATA DA APRESENTAÇÃO 021 - 90/05/09.

«EMPRESA TURÍSTICA RESTINGA DE OFIR, LIMITADA»

MÁRIO NEIVA LOSA, segundo Ajudante, CERTIFICA que foi depositada na pasta respectiva a acta da designação dos gerentes ANÍBAL FRANCISCO SARAIVA SOARES, divorciado e MARIA ANGELINA SARAIVA SOARES, viúva e MARIA DA GRAÇA SOUSA FAVA, solteira, maior, todos residentes no Hotel Pinhal - Fão - Esposende, sendo necessárias as assinaturas conjuntas de dois gerentes, para obrigar a sociedade.

Esposende aos dois dias do mês de Agosto de 1990.

O Ajudante,
a) Mário Neiva Losa

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Ora cá estamos de novo, após uma interrupção involuntária, para continuar a dar a habitual ajudinha na subida do colesterol.

Começamos com os

CROQUETES DE ARROZ

Lavam-se em água morna 6^g gramas de arroz, escorrem-se e põem-se num tacho com meio litro de leite. deixa-se ferver durante três quartos de hora.

Retira-se então do lume, deixa-se arrefecer um pouco, e juntam-se 2 gemas de ovo e uma colher de leite frio. Depois divide-se a massa em bocados, que se põem numa tábua polvilhada com farinha, rolam-se, dando-lhes a forma de croquetes, passam-se por ovo e a seguir por pão ralado e fritam-se em azeite ou banha.

E agora, uma lambarice:

PUDIM À DIPLOMATA

Batem-se 9 gemas e uma clara, 3 decilitros e meio de leite, um cálice de vinho do Porto, 250 gramas de açúcar, raspa da casca de um limão e uma pitada de baunilha em pó.

Depois de tudo muito bem amassado, deita-se numa forma untada com manteiga e coze em forno bem quente.

E por hoje está. Pedimos desculpas destes 2 meses de silêncio, que não significaram desinteresse nem preguiça, mas sim razões de ordem profissional.

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS

ERVAS

Os dois muros que ladeiam a estrada que vai da porta do António Gaifém à casa do dr. Barrote estão completamente inundados de silvas. Em alguns sítios o silvado atinge os dois metros de altura.

Não se poderia efectuar uma monda naquele local?

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 - TELEF. 691018 - TELEX 23623
4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA - TELEF. 961845

TRIÂNGULO JOTA

UMA COLEÇÃO NOVA
PARA GENTE



EDIÇÕES ASA



FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA BATATEIRA

(Continuado do número anterior)

Um terreno amontoado seca mais do que um terreno à rasa; e, no primeiro, a semente está colocada numa posição em que a temperatura é mais alta do que no segundo. O terreno amontoado fica preparado para a rega. Estas vantagens e desvantagens têm que ser tomadas em consideração em cada caso

isolado. Efectuam-se habitualmente duas a três sachas conforme o estado da terra e o tempo. Uma segunda amontoa que permita aprofundar os regos entre as linhas é por vezes praticada e tem tanto mais justificação quanto mais tenaz e húmido for o solo.

A amontoa prematura cobre as ramas atravando o seu desenvolvimento; tardia demais pode ocasionar a quebra dos ramos.

Quando a cultura tenha tomado um desenvolvimento que não permita já a entrada de máquinas ou ferramentas no campo, limita-se a limpeza a um arranque à mão das ervas de maiores dimensões.

Outra prática cultural que é de importância capital para uma boa produção desta cultura é a rega. Estudos exaustivos efectuados ao longo de muitos anos e em muitos países permitem hoje concluir que a batateira requer uma quantidade diária de água da ordem dos 3 a 5 mm. Quer resultante da chuva, quer da rega, quer de ambas, esse é o teor óptimo para as máximas produções. Menos de 450 mm de água ao longo do ciclo da planta reduz a produção; a mesma redução se começa a verificar para quantitativos de água superiores a 650 mm ao longo do ciclo de vida da batateira.

Claro que em terras de forte drenagem se deverá ir para os valores mais altos; e em terras que retenham mais água se terá que optar pelos valores mais baixos.

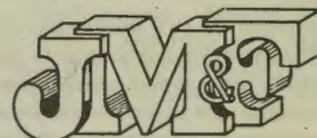
De acordo com a variedade, e muito em particular no caso das que possuem portes muito diferenciados, as necessidades do elemento líquido variam de forma muito considerável sendo maiores, obviamente, para as variedades de ramagem volumosa.

Em princípio nunca se deve regar logo após a sementeira. Quando necessário, aplica-se a água à terra antes da sementeira. A primeira rega deve ser feita tendo

as plantas já cinco centímetros de altura.

A maior parte das variedades de batateira escurece a rama quando começa a sentir sede; em contrapartida, os excessos de água traduzem-se quase sempre por um amarelamento bem marcado. O agricultor atento e conhecedor tem assim dois óptimos sintomas para actuar no devido momento. Deve acrescentar-se que água em demasia é quase tão contraproducente como água em deficiência.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Aduos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

Ácidentes

1. *Nascença irregular* — Resulta quase sempre de uma má semente: mal seleccionada, infectada com qualquer doença ou que sofreu queimaduras por baixas temperaturas no momento da saída dos armazéns de conservação ou durante o transporte até ao agricultor.

2. *Geadas* — Muito prejudiciais em algumas regiões não só retardando como reduzindo as produções. É difícil obstar aos seus inconvenientes a despeito da possibilidade de combate pelo uso de rega por aspersão. Na prática, retarda-se a plantação fugindo ao perigo.

3. *Chuvas contínuas* — Podem constituir sério inconveniente, provocando a podridão dos tubérculos em particular quando as temperaturas estejam bastante elevadas. Nas zonas onde este risco seja de prever, deverão tomar-se as medidas adequadas de drenagem.

4. *Saraiva* — Pela destruição das folhas, a saraiva causa, por vezes, prejuízos graves. A sua frequência é ocasional; sem medidas de defesa. Em alguns países, nomeadamente Espanha, procede-se actualmente ao *seguro de colheita* que cobre o risco dos danos provocados pela saraiva.

5. *Podridões* — Sobrevêm sobretudo no fim do crescimento quando um período húmido sucede a um tempo quente. Existem diversos agentes causadores de podridões os quais serão estudados no capítulo de «Doenças e Pragas» em pormenor.

Basta[®] a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

Apartado 6 2726 Mem Martins Codex
Telefone 9 21 21 60
Fax 9222577

Filial: Av. Sidónio Pais, 379
Apartado 1311
4201 Porto Codex
Telefone 66 70 51
Fax 690570

**Hoechst - um amigo
na agricultura**

Hoechst 
Cap. Soc. 1.200.000.000.000 Com. Reg. Com. Grão 5.º 1430

(Continua na pág. 10)

(Continuado da pág. 9)

Colheita

As variedades precoces são arrancadas logo que os tubérculos atingem uma dimensão suficiente, mesmo que incompletamente maduros. Visa-se, sobretudo, a venda a preço elevado.

As variedades destinadas à conservação recolhem-se apenas quando as ramas estão secas: nesse momento os tubérculos separam-se facilmente dos estolhos, a pele adquiriu uma certa resistência e adere bem à polpa que se adensou. A colheita efectua-se principalmente de 15 de Agosto a 15 de Outubro. Deve processar-se, tanto quanto possível, por tempo quente e seco; a terra solta-se bem, a colheita é mais rápida e mais bem feita e os tubérculos têm melhor apresentação.

O arranque faz-se à enxada e uma vez por outra à forquilha e mecanicamente, sendo este o método mais recomendado. As máquinas, quaisquer que sejam, desde simples arados arrancadores a colhedoras-ensacadoras utilizáveis em grandes extensões, deverão:

1.º — cortar horizontalmente a terra dois a três centímetros abaixo dos tubérculos de cada pé;

2.º — trazer para a superfície os tubérculos bem soltos da terra e das ramas;

3.º — dispor os tubérculos em faixas para mais fácil apanha ou acarretá-los, para rebocos por meio de transportadores.

Quaisquer que sejam os métodos empregados na colheita, procura-se acima de tudo evitar ferir os tubérculos para que se não deteriorem ou desvalorizem e evitar deixar tubérculos enterrados na terra o que corresponde não apenas a perda de produção como ao risco de se permitir a eventual transmissão de doenças, de um ano para o outro.

As máquinas assumem formas muito diversas, adaptadas a terras mais leves ou pesadas. Arrancadoras de forquilha, arrancadoras de turbina até às complexas colhedoras-ensacadoras com o seu sistema intermédio de limpeza e escovagem das ba-

tatas, encontra-se hoje ao alcance dos agricultores ou das associações de agricultores com áreas apreciáveis de cultura para um máximo de rentabilidade.

O corte da rama, quando não esteja completamente seca, é extremamente útil por facilitar o trabalho da colheita. Esse corte pode fazer-se mecanicamente mas pode também, com algumas vantagens, provocar-se a destruição da rama por meios químicos utilizando-se compostos fenólicos, ácido sulfúrico, clorato de sódio, produtos arseniacais e diversos herbicidas específicos ou totais. A secagem da rama por via química tem a vantagem de a destruir, eliminando focos de infecção de doenças que possam permanecer dum ano para o outro.

- Rendimentos
- Conservação

Rendimentos

Poucas plantas dão rendimentos tão variáveis como a batateira. Uma colheita de 20 toneladas é uma média bastante razoável, oscilando os rendimentos normais entre 8 e 40 toneladas. O teor médio em fécula oscila em torno de 17% sendo excepcional que desça abaixo de 13%.

Independentemente da fertilidade da terra e dos cuidados culturais, a variedade e a época do ano em que se semeia têm importância capital na produção. Contudo, no que respeita às variedades, é bom frisar que as mais produtivas dão normalmente qualidade mais fraca. Daí a diferenciação de preço que, em mercados exigentes, se verifica dumas variedades para outras.

Como é óbvio, as condições climáticas no decorrer da cultura são também fundamentais para o rendimento da mesma. Extrema secura, mesmo que contrabalançada com regas frequentes, temperaturas excepcionalmente baixas, chuvas em demasia, tudo são factores que condicionam a boa marcha da cultura e induzem uma redução de rendimentos. Acresce, ainda, que ataques de míldio e de escarvalho da batateira, não debelados

NOVO

A MATÉRIA ORGÂNICA É A BASE DA FERTILIDADE

ESTREGUANO

É UM PRODUTO EXCLUSIVO DA

ESTRELA ADUBO

Filial de Adubos Orgânicos, Lda
Zel. Mar. N.º 3 - Ponta Lardosa
TAXA 3336 Adubo P - Tels (031) 91262 - 91260
Apart. 1048 - 3300 VISEU

a tempo, provocam quebras substanciais da produção final. As infecções de vírus transmitidos por afídios são outra causa de frequentes e fortes reduções da produção dos batatais.

Conservação da batata

Um tubérculo é uma porção viva da planta contendo uma quantidade elevada de água. Daí, os cuidados particulares que exige no seu manuseamento, não só no transporte como na conservação, na calibragem e nas demais operações de comercialização. Sendo uma peça viva respira e, portanto, utiliza oxigénio, necessitando por conseguinte, de ar renovado continuamente.

Para batatas de consumo podem-se resumir as seguintes condições gerais:

1. — *Temperatura* não superior a 10° C, embora a 7° C se situe o nível de mais prolongada conservação sob o ponto de vista sanitário e, a 4° C o óptimo no que respeita a sanidade e a abrolhamento;

2. — as batatas acabadas de colher devem manter-se durante duas ou mais semanas a 10° C antes de eventualmente passarem para 4° C, quando tal seja, para permitir a cura de possíveis ferimentos dos tubérculos;

3. — *humidade atmosférica* elevada, embora tendo em vista os perigos de condensação, visto que sob circunstância alguma os tubérculos devem estar molhados, do que se infere que uma batata nunca deve ser metida molhada num silo ou num armazém;

4. — *ventilação* reduzida ao mínimo para evitar perdas de peso por desidratação, mas suficiente para evitar aquecimento e a acumulação excessiva de anidrido carbónico, o que se traduz na prática em termos técnicos por uma circulação de ar da ordem dos 8 a 10 metros cúbicos de ar por tonelada de batata e por hora;

(Continua no próximo número)

CALIBRADORES DE FRUTA

MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Dois carros avariados ao mesmo tempo, não parece muito normal, mas a verdade é que isso aconteceu, na Roça Bom Destino. Uma carrinha Chevrolet e um turismo Volkswagen, pouco depois de terem sido postos em funcionamento, os motores começaram a falhar e, em breve pararam, para não mais funcionarem.

Na altura não me passou pela cabeça que aquilo poderia acontecer, sabotagem, isto no interior de Angola, onde não havia mecânicos e muito menos oficinas. Nós tínhamos que ser um pouco de tudo, e eu não tive outro remédio senão tentar eu próprio, reparar as avariadas.

Estava um dia muito quente esse dia de 15 de Março de 1961, como aliás é próprio da época das chuvas.

Consultei o relógio. Quatro horas da tarde. Eram horas de minhas filhas saírem da escola.

Mas como ir buscá-las com dois carros avariados? Só restava a camioneta.

Quando me preparava para sair com a camioneta, eis que um carro se aproximou. Fiquei com um pé no estribo do carro e aguardei a chegada do visitante. Era o Jorge que trazia as minhas filhas da escola. As crianças saíram do carro a correr em direcção à mãe que as esperava à porta de casa.

O Jorge tinha sido empregado da Roça alguns anos, até que se estabeleceu como comerciante na Povoação de Vista Alegre, estabelecimento esse cedido pela Roça Bom Destino.

Em virtude de minhas filhas terem chegado, eu retomei o meu trabalho, num dos carros avariados.

O Jorge ficou a conversar com o Fausto e, pouco depois, o Fausto chamou-me.

— Sr. Ramos, venha cá por favor!

— O que se passa? — perguntei.

Aquela chamada parecia-me um pouco estranha, como aliás tudo o que se passava naquele dia. Aproximei-me e cumprimentei o Jorge. Por sua vez o Fausto, dirigindo-se-me, disse:

— Aqui o Jorge aproveitou para trazer as suas filhas, mas veio avisar-nos de que passou um carro lá em cima e que o seu ocupante disse que os pretos tinham morto todas as brancas do Kitexe. Será possível?

— Não sei. — Respondi — Talvez seja um pouco exagero, mas na verdade nestes últimos dias os indígenas têm andado demasiado humildes e submissos. Portanto é de desconfiar. O melhor será nós irmos tomando as precauções necessárias para evitar qualquer surpresa.

Na Roça apenas havia duas armas de caça, uma caçadeira e uma carabina, mas as munições eram muito poucas: cartuchos para a caçadeira eram vinte e poucos, enquanto as balas para a carabina eram apenas doze.

Todos os trabalhadores foram suspensos. Os trabalhadores rurais e da região, há muito tinham terminado as suas obrigações e regressado aos seus povos. Esta gente apenas trabalhava umas horas de manhã e mais nada. Era-lhes dada a obrigação de capinar cento e cinquenta pés de café e quando terminassem, iam-se embora. Este serviço era muito mal feito, por vezes o capim era apenas pisado com os pés.

Na Roça, àquela hora, apenas se encontrava um grupo de Cachundas, alguns já no acampamento, outros ainda a terminarem os seus serviços. Chamei um servente:

— João, enche o depósito da camioneta com gasóleo, vê se precisa de óleo e água, põe tudo em ordem.

O Jorge regressou a Vista Alegre onde tinha lá a esposa e um filho pequeno.

Na Roça Bom Destino o ambiente era de uma certa tensão. As crianças brincavam indiferentes: as minhas duas filhas, a Gena de dez anos e a Cândida de sete e três filhos do Fausto, o Tony de seis anos, a Olga de cinco e a Paula de três.

Cinco crianças indiferentes à maldade dos homens, ali brincavam, e talvez bem perto olhos assassinos espreitassem e estudassem o momento oportuno para as esfacelar com as suas catanas afiadas. Mas porquê, meu Deus? Que mal fizeram as crianças? Só porque nasceram brancas merecem morrer? Quantas crianças negras aqui nesta Roça foram tratadas e curadas dos seus males!

O Fausto afirmava que nenhum preto lhe faria mal, pois que ele nunca tinha sido mau para eles.

Pouco tempo depois. ouviu-se o ruído de uma motorizada. Era o Machado, empregado da casa comercial que a Roça possuía em Vista Alegre.

Como ainda era muito cedo para o Machado ter encerrado o estabelecimento, pensamos logo tratar-se de qualquer coisa de anormal.

Logo que este parou a motorizada, disse rapidamente:

— Está lá em cima o Chefe do Posto de Cambamba e pede para todos irem lá para cima para se organizar a defesa, pois os pretos já mataram todos os brancos das Roças.

O acontecimentos precipitavam-se e parecia que a atmosfera se tornava demasiadamente pesada e que tudo iria desabar de um momento para o outro.

As mulheres entraram em pânico. Dirigi-me à minha mulher e disse-lhe para preparar as crianças porque tínhamos que abandonar a Roça. O Fausto fez outro tanto, bem assim como o empregado Orlando. Mandámos avisar a fazenda Maria Helena e seguimos para Vista Alegre onde o Chefe do Posto nos pôs ao corrente da situação.

Na fazenda Santa Isabel o empregado da cantina foi de manhã para Kibaxe fazer o depósito dos salários dos trabalhadores Bailundas e, ao regressar à Fazenda, encontrou tudo morto, incluindo a mulher e um filhinho pequenino.

Foram ali chacinados vinte e dois brancos entre homens, mulheres e crianças. Ele agarrou-se ao corpo do filhinho a chorar. Entretanto apareceu-lhe uma preta bailunda que lhe disse para fugir depressa pois eles ainda estavam por lá e matavam-no. Ele fugiu meio louco.

Este relato comoveu toda a gente. Era preciso avisar as Fazendas pelo menos as que ficavam mais próximas.

Portanto, logo o Delfim e o Zé, comerciantes, se prontificaram em ir à Roça S. Bento, pertencente à família Nunes, onde se sabia que o seu proprietário sr. Edmundo Nunes se encontrava para Luanda, mas que lá se encontrava sua esposa, D. Maria, seu filho Neca e mais dois filhos pequenos e bem assim dois netos, filhos do seu filho mais velho Sebastião.

Pouco depois de terem partido, a noite caiu. No céu a lua brilhava intensamente. O firmamento estava cheio de pontos luminosos, sendo cada ponto uma estrela e tendo esta por sua vez o seu sistema próprio. Que insidioso é o Universo! Que grandiosa

é a natureza! E tão insignificante é o homem. Esse homem que foi feito à semelhança de Deus, mas que só pensa na destruição da sua obra.

(Continua)

FORUM ESPOSENDENSE

Resultado das eleições realizadas no mês de Agosto:

Assembleia Geral — Presidente - João Migueis Ferreira da Silva; Vice-Presidente - Dr. José Gualdino Batista da Silva; 1.º Secretário - Fernando Marques Boaventura Rêgo; 2.º Secretário - Dr. José Manuel de Melo Ferreira.

Condelho Fiscal — Presidente - Dr. Alberto Francisco de Barros Bermudes; Secretário - António Eduardo Loza Faria; Relator - Tito da Silva Evangelista.

Direcção — Presidente - Dr. José Bernardino Amândio; Vice-Presidente - Coronel Bento Lopes da Costa; Vice-Presidente - Armindo da Rocha Duarte; Secretário - José Eduardo de Sousa Felgueiras; Tesoureiro - António da Costa Terra; Vogais - António de Almeida Miquelino e Dr. Juvenal Silva.

CHAVES

Perdeu-se um porta-chaves sendo uma das chaves de fecho de segurança. Agradecia-se a quem o tiver encontrado o favor de o entregar no Zé Barbeiro ou na redacção deste jornal.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
José Ferreira Neves
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 981475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

OBRAS

Vão bem encaminhadas as obras no sítio onde funcionam o salão paroquial. O corpo do novo salão já se pode antever e as salas de apoio também começam a ganhar forma. As garagens, essas ainda não foram iniciadas.

Calcula-se que o apronto das obras se verifique para meados do próximo ano.

Entretanto as comissões de rua continuam a recolher donativos.

Quanto Liiii...xo!

Tivemos uma família amiga uns dias em nossa casa de Fão. Percorreram todos os cantos da terra e foram até à Restinga. De tudo quanto visitaram o que os impressionou foi a montanha de lixo que encontraram no pinhal. A tal ponto que uma das senhoras, depois de dar um passeio por aqueles lados, teve para este desabafo que foram as suas primeiras palavras: *Quanto liiii...xo!*

Damos hoje nota de duas exposições que foram enviadas às autoridades competentes por moradores da zona.

Os signatários do documento anexo, entregue ao Presidente da Câmara Municipal de Esposende, Ex.mo senhor Alberto Figueiredo, uma vez mais tornam presente a V. Ex.a que se digne considerar com urgência a situação ALARMANTE DE DEGRADAÇÃO DO PINHAL, e da sua ORLA MARÍTIMA.

O que resta ainda do Pinhal só será salvaguardado, e revitalizado como aliás foi sempre afirmado, DESDE QUE DEVIDAMENTE URBANIZADO como zona vocacionada para TURISMO DE QUALIDADE E HABITAÇÃO. Este foi aliás o pensamento e obra daqueles que, em 1945, planificaram o aproveitamento desta zona das DUNAS DE FÃO e do seu PINHAL a sul da Foz do Rio Cávado e até ao Lugar das Pedrinhas, reconhecido internacionalmente, sob a denominação TURÍSTICA DE OFIR, que fundamentalmente motivou a Zona de Turismo no Concelho de Esposende.

Lamentavelmente, as autoridades competentes sempre se mostraram incapazes de regulamentar esta obra grandiosa, ordenando o seu desenvolvimento e ultimamente conter a invasão selvagem e anárquica deste Pinhal, contribuindo assim, directamente, para a sua destruição irreversível.

Assim Muito Respeitosamente solicitamos a V. Ex.a que se digne considerar com urgência a situação.

Com os melhores cumprimentos e agradecimento antecipadamente uma atenção especial, subscrevemo-nos atentamente.

Júlio Oliveira
Romualdo Salcedo

Presidente da Câmara Municipal de Esposende / cópias para:

Ministério do Ambiente, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais, Direcção do Gabinete da Área Protegida do Litoral de Esposende, Presidente da Junta de Freguesia de Fão, Meios de Comunicação Social.

Ex.mo Sr. Presidente Esposende, 90.07.26

Vimos por este meio mostrar a V. Ex.a o nosso descontentamento e apreensão quanto à falta de actuação e desinteresse até agora manifestados pela gestão da APPLE (Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende), da qual a Câmara de Esposende faz parte, perante a destruição galopante a que se continua a assistir na zona das dunas e pinhal a norte (e sul) do Hotel de Ofir.

Somos um grupo de moradores que repetidamente tem denunciado a situação e que se tem sempre posto à disposição das autoridades competentes para tentar resolver este grave problema. Senão, vejamos:

26 DE JULHO DE 1988:

Documento assinado por 88 subscritores, contendo 34 fotografias a cores, onde se mostrava o estado lastimoso e a degradação acelerada do Pinhal de Ofir, consequência directa da invasão de merendeiros, que com as suas viaturas (automóveis, carrinhas e camionetas) devastam o coberto vegetal e deixam o pinhal atulhado de toda a espécie de lixo. Este documento foi enviado à então Presidente da Câmara de Esposende, com cópias para:

Secretaria de Estado do Ambiente (SEA); Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN); Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais (DRARN); Presidente da

Junta de Freguesia de Fão; tendo causado algum impacto junto da Câmara (Laurentina Torres), do Eng.º Ricardo Magalhães (então Director da DRARN e que supervisionou o plano de ordenamento da APPLE) e do Dr. Marques Ferreira (Director do SNPRCN). Este manifesto foi publicado na íntegra no jornal local «O Novo Fanguero», ano V, N.º 52, de 10 de Setembro de 1988.

29 DE NOVEMBRO DE 1988:

Exposição feita por 25 proprietários de moradias no Pinhal de Ofir, solicitando à Presidente da Câmara de Esposende que providenciasse acções por forma a resolver os problemas aí focados, no seguimento da exposição feita em 26 de Julho de 1988.

17 DE DEZEMBRO DE 1988

Entrevista e reportagem fotográfica efectuada pelo Primeiro de Janeiro (repórter Paulo Vale), em que dois membros do grupo de Ofir mostraram *in loco* a apavorante lixeira em que o Pinhal de Ofir se tinha tornado, isto é, autêntica Área de Paisagem Desprotegida (pág.s 3/4 do Primeiro de Janeiro de 25 de Dezembro de 1988).

3 DE ABRIL DE 1988

São enviados à DRARN, na pessoa do Eng.º Ricardo Magalhães, os comentários e soluções concretas de três pessoas do grupo de Ofir que despoletaram o 1.º documento (Julho de 1988), sobre a proposta do plano de ordenamento da APPLE.

9 DE JULHO DE 1989

O Eng.º Ricardo Magalhães aceitou o convite do grupo de Ofir para se deslocar e observar no local as atrocidades que a pressão de merendeiros provoca na zona, vocacionada desde sempre para o turismo e habitação sazonal. Cremos poder afirmar que ficou deveras impressionado com a situação catastrófica que pôde constatar naquele domingo de Julho, típico do que se passa na época estival. Lamentamos que essa visita não tenha sido feita pelos restantes membros da APPLE, uma vez que constatamos que a do sr. eng.º Ricardo Magalhães não surtiu qualquer efeito.

15 DE FEVEREIRO DE 1990

O grupo de Ofir reuniu uma última vez com o Eng.º Ricardo Magalhães (DRARN) em que se focou de novo a urgência em resolver os problemas do estacionamento selvagem, lançamento de lixo e policiamento eficaz, problemas que surgiram necessariamente na época estival que se aproximava.

12 DE MARÇO DE 1990

O grupo de Ofir foi recebido pelo actual Presidente da Câmara de Esposende, a quem fez saber das preocupações que já haviam sido transmitidas à sua antecessora, quer no respeitante a acções imediatas para a época estival de 1990 quer a acções mais a médio prazo e directamente relacionadas com a proposta do Plano de Ordenamento da APPLE.

26 DE JULHO DE 1990

Decorridos dois anos desde a entrega do 1.º documento e várias reuniões com as entidades responsáveis pela APPLE, constatamos que não houve qualquer acção positiva de facto, relativamente às nossas pretensões de se acabar de uma vez com

a situação lastimável e vergonhosa que se assiste no Pinhal de Ofir.

Afinal, um conjunto de soluções relativamente simples de implementar, desde que haja vontade político-administrativa para tal, resolveria alguns dos problemas mais graves. Essas medidas, algumas de carácter imediato e outras mais a médio prazo, como já foi referido por escrito às entidades competentes, são:

— Proibição de estacionamento dentro do pinhal e dunas;

— Proibição de lançar entulho ou lixo no pinhal e dunas;

— Fechar definitivamente ao tráfego corrente o acesso à restinga;

— Aceitar e preservar o Pinhal de Ofir como zona vocacionada para o turismo e habitação sazonal.

Claro que já existem leis tais como proibição de foguear e acampar na área abrangida pela APPLE, mas como não existe qualquer policiamento eficaz as leis não são cumpridas e o pinhal vai sendo inexoravelmente destruído. Com efeito, as forças policiais competentes (G.N.R.) não só raramente patrulham o pinhal, como, quando o fazem, limitam-se tão só a mostrar a sua presença, sem minimamente actuarem no exclusivo cumprimento da lei, não obstante denúncias concretas (v.a. acampamentos selvagens e fogueiras respectivas) que lhes têm sido dirigidas por subscritores deste documento.

Como área de paisagem protegida, o litoral de Esposende tem como tal de ser assumido pelas respectivas autoridades, e o cumprimento das soluções acima expostas constitui salvaguarda mínima e indispensável para a sua protecção. Não podem, por conseguinte, ser esquecidas; têm de acabar os acampamentos, as fogueiras, e a sistemática destruição do pinhal e dunas pelo estacionamento de automóveis, carrinhas e camionetas, e o inacreditável emporcalhamento de toda a zona em papéis e lixo de toda a espécie, mau grado se reconheça o esforço desenvolvido neste particular com os seus exíguos meios pela Junta de Freguesia de Fão, com o apoio da Câmara de Esposende.

Se as autoridades competentes reconheceram que o Pinhal de Ofir tem de ser desenvolvido como zona de habitação sazonal e turismo de qualidade, a sua protecção será muito mais fácil de implementar. Basta ver que são as zonas de moradias que têm mantido o pinhal relativamente intacto, pois são os seus proprietários os primeiros interessados na sua preservação. Parece-nos que não há qualquer vontade real de resolver este problema e somos obrigados a questionar a actuação das entidades competentes directamente envolvidas, nomeadamente da DRARN e Gabinete de APPLE.

Temo-nos sempre prestado a colaborar com as autoridades para a resolução do ordenamento do Pinhal de Ofir, mas sentimos que os nossos esforços têm sido em vão. Uma vez que as nossas sugestões (ou quaisquer outras razoáveis) parecem não surtir efeito junto das autoridades relacionadas com a APPLE, vimos responsabilizá-las pela destruição do Pinhal de Ofir e faremos todas as pressões que estiverem ao nosso alcance, junto dos meios de comunicação social e outras entidades, denunciando a falta de actuação de quem tem o dever de gerir a APPLE, por forma a que, uma vez por todas, a protecção e desenvolvimento cuidado do litoral de Esposende seja uma realidade.

Queremos que fique bem claro que adoptamos este procedimento uma vez que as vias até agora encetadas não surtiram qualquer efeito.

Com os melhores cumprimentos, subscrevemo-nos atenciosamente

Júlio Oliveira
Romualdo Salcedo
Santiago Boissel
Carlos Araújo
Noé Silva Dinis
Júlio José Oliveira
João Pedro Araújo

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO